

Lucila

VAMOS FALAR DE
Reassentamento

Páginas 6 a 9

Lavoura

DA ESCOLA PARA A COMUNIDADE
Página 3

UM LUGAR PARA GUARDAR MEMÓRIAS
Páginas 4 e 5

EDITORIAL

OS LADOS

possíveis

Em julho passado, nascia este jornal, ainda sem nome. Trazia duas matérias - uma falando sobre a Fundação Renova e outra sobre o preconceito que alguns moradores de Mariana demonstraram em relação aos atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão.

De lá pra cá, a Renova reforçou o convite à participação das comunidades, fazendo uma apresentação da ideia do jornal para as Comissões de Atingidos pela barragem de Fundão. A resposta das Comissões foi negativa. A Renova compreende, aceita a decisão e se mantém aberta, caso algum dia elas resolvam participar.

O desejo de construir juntos um jornal que esclareça e responda às informações que os atingidos acham importantes continua firme. Para que isso aconteça, é preciso que todos nós falemos a mesma língua e que estejamos mais próximos. A Renova e os atingidos têm os mesmos objetivos: reparar e recomeçar para que as pessoas retomem a vida com dignidade.

Como é preciso seguir em frente com a ideia de reunir gente das comunidades e fazer deste jornal um canal de informação, a Renova esteve com um grupo de pessoas de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo para iniciar essa discussão.

De que forma isso é possível? Trazendo aqui pra dentro o que realmente interessa aos atingidos, sempre com o propósito de tratar seus problemas e insatisfações de maneira aberta, além de mostrar quanta coisa boa eles são capazes de fazer, mesmo diante das perdas que sofreram.

Até o momento, a Renova não tinha um jornal que falasse com os atingidos sobre nada disso. Ele chegou e ainda está começando. Mas é cheio de vontade e vai fazer seu destino, junto com todos os moradores da região.

Fundação Renova

PARA FALAR DE FUTURO, ESTUDANTES
RESGATAM O*passado*

Quando 2017 começou, a pergunta na Escola Municipal Bento Rodrigues era uma só: o que vamos fazer por nossa comunidade este ano? É que em 2016, os alunos de todas as turmas trabalharam em um projeto relacionado à memória que tinham sobre o lugar que perderam.

“Eles não entendiam o que estava acontecendo”, conta Eliene Geralda dos Santos, diretora da Escola. “O jeito foi resgatar a memória de Bento e mostrar que ela não morreu”.

Para isso, levantaram a história da comunidade, desde a chegada do bandeirante que deu nome ao lugar, até o rompimento da barragem de Fundão. Em casa, os alunos resgataram cantigas com os pais e isso foi gravado num CD. Na escola, fizeram peça de teatro, livro, calendário, colcha de retalhos e exposição de fotos, além de um baú com objetos e textos que lembram a comunidade.

Depois disso tudo, a resposta para a pergunta sobre o que fazer em 2017 foi encontrada bem depressa: mostrar como eles imaginam a comunidade construída. Pronto! Nascia o projeto “Do passado ao presente! Futuro? Reconhecendo o tempo”.

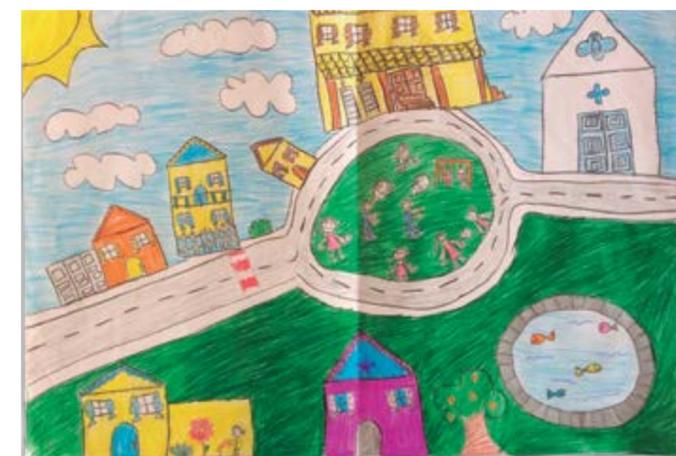
Depois de uma visita à área da Lavoura, escolhida pelos atingidos para ser seu novo endereço, os alunos começaram a trabalhar. O resultado foi mostrado numa exposição no Centro de Convenções de Mariana, no dia 5 de novembro, quando se completaram dois anos do rompimento.

Os estudantes apresentaram uma peça de teatro, exibiram uma cápsula do tempo com textos, desenhos e objetos da comunidade, e fizeram uma exposição de pinturas, fotografias e um documentário. Um dos trabalhos foi a produção de cinco livros em que contam dez histórias diferentes sobre o futuro, a saudade e o desejo de voltar para suas casas, todos eles dedicados ao Thiago, colega que faleceu na tragédia aos 7 anos de idade.



Rascunhos dos livros escritos pelos alunos em 2017.

“ELES NÃO ENTENDIAM O QUE ESTAVA ACONTECENDO. O JEITO FOI RESGATAR A MEMÓRIA DE BENTO E MOSTRAR QUE ELA NÃO MORREU”.



Desenho de aluno mostra como ele imagina Bento Rodrigues no futuro: em destaque a escola e uma praça pra brincar.

RESGATE DA *memória*



Fragmento de crucifixo da Capela de São Bento, de Bento Rodrigues.

Foto: Gustavo Baxter - NITRO

Há imagens de santos, peças sacras, fragmentos de altar encontrados na lama que cobriu Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Gesteira. Eles pertenciam às capelas das comunidades. Agora, estão no prédio da Reserva Técnica, em Mariana.

Frequentemente aparece uma coisa nova. A busca vai de Bento Rodrigues até Candonga, onde a maior parte do rejeito ficou parada. Quando as peças chegam do campo, a equipe de restauradores e de auxiliares seleciona e identifica cada uma. Os objetos são limpos, catalogados e protegidos contra fungos (mofo) e cupim. Depois, são guardados em salas com controle de umidade e temperatura. São fotografados para registro antes e depois da limpeza.

A comunidade também está ajudando a descobrir onde as peças ficavam antes do rompimento. “São visitas guiadas, nas quais os participantes

conhecem nosso trabalho e se lembram das peças”, diz Kleumany Melo Barbosa, responsável técnica da Reserva.

Foi assim que um atingido de Paracatu identificou um crucifixo da Capela de Santo Antônio que estava registrado como sendo da Capela de São Bento.

A Reserva Técnica recebeu **8** grupos de atingidos oficialmente cadastrados, somando mais de **50** visitantes, que tiveram a tarefa específica de qualificar as informações mediante suas vivências anteriores com esses bens das igrejas.

DESDE FEVEREIRO DE 2016, A RESERVA TÉCNICA ESTÁ COM MAIS DE 2,3 MIL OBJETOS RESGATADOS DA LAMA. PARA AGENDAR UMA VISITA GUIADA, ENTRE EM CONTATO PELOS CANAIS DISPONÍVEIS NA ÚLTIMA PÁGINA.

Dona Enedina Fernandes Pereira, que morou por 30 anos em Bento Rodrigues, reconheceu a pia em que as filhas foram batizadas. “Pensei um pouco e me lembrei daqueles dias, elas nem sabiam disso!”, conta a atingida. Hoje, Enedina é evangélica, mas se emocionou ao ver a peça quebrada. “Fico alegre porque sobrou alguma coisa, como essas peças históricas”, diz ela.

Para o atingido de Paracatu de Baixo, Luiz Cassio Gonçalves de Sousa, será muito difícil recuperá-las. “Vi um sino, um barquinho que ficava pendurado em um lustre e uma porta quebrada da igreja. Está tudo muito estragado, não tem como colocar de volta. É melhor levar elas para um museu e ficar pra história”, diz.

O futuro dessas peças será definido por um Grupo Técnico de Referência, formado pelos atingidos, sua assessoria técnica, órgãos públicos, como o Ministério Público Federal e Estadual, IPHAN, IEPHA, COMPAT e Secretaria de Cultura, e também pela Renova.

Peças resgatadas, da esq. para dir.: Nossa Sra. do Perpétuo Socorro, em gesso, de Gesteira; Santo Antônio, em madeira, de Bento Rodrigues; lustre e Santana Mestra, em gesso, de Paracatu de Baixo.



Fotos: Danielle Luce, Italo Mendonça

CAPELA DE

Santo Antônio

A Capela de Santo Antônio, em Paracatu de Baixo, está aberta para os velórios da comunidade. O local era um querido ponto de encontro entre vizinhos e amigos, onde aconteciam as principais celebrações religiosas do povoado. A pedido das famílias de Paracatu, foi feita uma inspeção por especialistas que comprovaram a segurança da estrutura. Depois disso, foram feitas algumas intervenções básicas para que ela pudesse ser utilizada, como troca de fios elétricos, canos de água e vidros quebrados, bem como reparos no banheiro e no forro. Também foram instaladas uma fossa séptica e uma rampa para acesso alternativo.

A comunidade, por meio da comissão que as representa, solicitou uma proteção para as paredes de forma que a marca da lama não fosse retirada, permanecendo como um testemunho do rompimento da barragem. Atendendo a esse pedido, será instalada uma proteção de vidro. O Grupo Técnico de Referência vai discutir o futuro da capela, assim como sua restauração e manutenção.

EM QUE PÉ ESTÁ O

Reassentamento?

Em janeiro passado, 190 famílias ajudaram a construir e aprovaram o projeto urbanístico de Bento Rodrigues. Depois do sinal verde da Comissão de Atingidos, em março, o passo seguinte foi detalhar custos, datas e como seriam as ruas, o esgoto e a drenagem das chuvas. Em agosto, o **Comitê Interfederativo (CIF)** solicitou modificações em partes do projeto para que a Renova conseguisse as licenças e autorizações necessárias.

CIF: O COMITÊ INTERFEDERATIVO PARTICIPA DE TODAS AS DECISÕES DA RENOVA. ELE REÚNE REPRESENTANTES DA SOCIEDADE E DE ÓRGÃOS PÚBLICOS. PARA FUNCIONAR, O CIF TRABALHA JUNTO COM 10 CÂMARAS TÉCNICAS FORMADAS POR ESPECIALISTAS DE DIFERENTES ÁREAS. UMA DELAS, A DE RECONSTRUÇÃO E RECUPERAÇÃO DE INFRAESTRUTURA, ACOMPANHA, FISCALIZA E PROPÕE SOLUÇÕES PARA O PROGRAMA DE REASSENTAMENTO.

Janeiro

O projeto recebeu contribuições da Comissão de Atingidos, da sua assessoria e das famílias de Bento Rodrigues. As principais demandas foram manter as mesmas ruas e vizinhos e preservar a camada mais fértil da terra para que as pessoas voltassem a plantar.

2017

Março

Em março, a 17ª versão do projeto foi aprovada pela Comissão. A Fundação começou a detalhar a engenharia da obra, etapa em que são definidos os custos e como serão construídas as ruas, as vias de esgoto e a drenagem das chuvas, por exemplo.

Agosto

Segundo a lei, é proibido construir em áreas que tenham morros com diferença maior do que 47% em relação à parte mais baixa. No caso de Lavoura, esse problema existe em 4% do terreno. Diante dessa situação e recomendação do CIF, o desenho foi modificado e entregue à Comissão de Atingidos, que, junto da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SEMAD) e da Secretaria de Estado de Cidades e de Integração Regional (SECIR), visitaram Lavoura para conhecer o projeto readequado. As mudanças incluem a troca de lugar dos lotes e ruas que estavam nas partes altas, diminuindo a movimentação de terra e a construção de muros de arrimo e barrancos.

Hoje

Depois da visita, a SEMAD, a SECIR e a Comissão de Atingidos se posicionam em relação ao projeto modificado pela Renova. Ao longo do mês de novembro, essas modificações e os conceitos da proposta serão discutidos com toda a comunidade para finalizar o projeto urbanístico conceitual de Bento Rodrigues.

PRÓXIMOS PASSOS

1 Regularização dos terrenos

Em outubro de 2016, a Renova comprou a Lavoura, que era da ArcelorMittal. O terreno é grande e não é fácil fazer seu registro no cartório. Uma solução para agilizar o registro da propriedade foi desapropriar a área adquirida. Como isso será feito:

- 1) A Prefeitura de Mariana vai publicar decretos que determinam que as terras voltem a ser do município.
- 2) Depois disso, a Câmara Municipal vai votar um projeto de lei que autorize a doação das terras à Fundação.
- 3) Como dona da terra, e depois da urbanização, a Renova poderá buscar as licenças municipais e ambientais para começar as obras.

2 Urbanização

Lavoura fica na zona rural, mas para construir Bento Rodrigues ela terá de se tornar área urbana. Isso só é possível se o Plano Diretor de Mariana for alterado. Para isso, é preciso que:

- 1) Depois que as modificações do projeto urbanístico forem aprovadas pela comunidade, a Câmara Municipal entre com um projeto de lei para alterar o Plano Diretor e apresentá-lo à população em audiência pública.
- 2) A proposta será votada pelos vereadores e encaminhada para aprovação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).
- 3) Como dona da terra, e depois da urbanização, a Renova poderá buscar as licenças municipais e ambientais para começar as obras.
- 4) As famílias vão receber as escrituras e os registros dos imóveis depois que a Fundação Renova terminar as obras em Lavoura, previstas para serem concluídas em 2019. As dúvidas sobre esse processo serão esclarecidas quando o reassentamento chegar nessa etapa.

REASSENTAMENTO EM

Paracatu de Baixo

Em setembro de 2016, 103 famílias de Paracatu de Baixo escolheram o terreno Lucila, com 65% de aprovação. Hoje, a negociação das terras está quase pronta e existe uma proposta de projeto urbanístico sendo estudada pela Comissão de Atingidos e sua assessoria técnica, com a participação dos órgãos públicos.

Outubro de 2016

Mais de 200 pessoas disseram como querem que Paracatu seja construída, considerando o traçado do antigo distrito, o estilo de vida rural, a facilidade de acesso à água e a proximidade do antigo distrito. A Comissão de Atingidos recebeu uma primeira proposta de projeto urbanístico.

Fevereiro de 2017

A Comissão e sua assessoria sugerem uma escuta com os moradores do entorno da vila antiga e que ficaram longe de parentes, amigos e de espaços como a escola, a praça e a igreja. Essas propriedades foram inseridas no projeto que está sendo construído, o que aumentou o tamanho do terreno, sendo necessária a aquisição de nove propriedades.

Agosto de 2017

A primeira proposta de projeto passou por várias alterações até aqui, considerando as mesmas recomendações do CIF, como aconteceu com Bento Rodrigues. A proposta está em discussão, com a participação da Prefeitura de Mariana e das secretarias de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SEMAD) e de Cidades e de Integração Regional (SECIR).

Outubro de 2017

A SEMAD e a SECIR visitaram Lucila para conhecer o projeto e indicar correções. Ele será apresentado à comunidade depois de aprovado pela Comissão de Atingidos e sua assessoria.

Enquanto isso

A Fundação Renova está terminando a compra e a regularização dos terrenos para o reassentamento, etapa que envolve pessoas físicas, e não empresas. Das nove áreas necessárias para a construção, sete foram compradas e duas estão em fase final de compra. Depois de tudo assinado, será preciso regularizar os terrenos e garantir seu registro em nome da Fundação. O prazo é até janeiro de 2018.

REASSENTAMENTO EM

Gesteira

Gesteira, em Barra Longa, é a menor comunidade a ser reconstruída. A previsão era de que estivesse pronta no final de 2017, mas as negociações do terreno demoraram mais do que a gente imaginava.

Junho de 2016

A comunidade escolheu Macacos como nova morada de Gesteira Velha, onde a lama destruiu a escola, a igreja e 20 propriedades, oito residenciais, uma comercial e 11 lotes. A área, com 6 hectares, tem bom solo e é próxima de Gesteira Nova, parte alta que não foi atingida e onde residem cerca de 60 famílias.

Junho de 2016 a Fevereiro de 2017

A Renova tentou comprar a área fazendo várias propostas, mas o dono não quis vender. Com a ajuda do Ministério Público Federal, isso começou a mudar, e o dono entregou uma carta de intenção de venda.

Agosto de 2016

A comunidade apresentou suas expectativas de como quer que Gesteira seja construída, como a proximidade de Gesteira Nova.

Agosto de 2017

A Assessoria Técnica de Barra Longa passou a apoiar as famílias nas reuniões com a Fundação Renova para discutir a compra do terreno e como a comunidade quer construir o lugar.

Até agora

Foi reconstruída a Escola Municipal Gustavo Capanema e revitalizadas a praça e a quadra de esportes.



Foto: Gustavo Baxter

TODO CUIDADO É POUCO COM

chuva forte

As chuvas chegaram em outubro e vão até o finzinho de março. Ainda bem! As plantações, os pastos e os rios estavam precisando. O problema é quando chove muito e a água sobe tanto que inunda a cidade e a zona rural, causando sérios danos a todos.

Com objetivo de fortalecer os Sistemas de Proteção e Defesas Cíveis de Mariana, Barra Longa, Rio Doce e Santa Cruz do Escalvado, em setembro, a Fundação Renova entregou a cada um desses municípios uma caminhonete de tração 4x4, com guincho e GPS, coletes de identificação, notebook, gerador de energia, dentre outros equipamentos que permitirão melhorar a prevenção e o atendimento ao cidadão em caso de emergência.

Para Welbert Stopa, coordenador da Defesa Civil em Mariana, os equipamentos chegam em boa hora. “Essa época tem muitos deslizamentos e inundações por causa da chuva”.

No ano passado, foram instalados alarmes de emergência e um sistema que mede o nível da água nos rios Gualaxo do Norte e Carmo. O tema da percepção de risco em relação às chuvas, às situações ambientais e ao rompimento de barragem, dentre outros, vai ser levado para as escolas municipais e estaduais, com o projeto “Escola Segura”, que será iniciado no ano letivo de 2018.

Caminhonetes de tração 4x4 e 14 equipamentos foram entregues às defesas civis de Mariana, Barra Longa, Rio Doce e Santa Cruz do Escalvado.



PLANO DE AÇÃO PARA O PERÍODO CHUVOSO

O desenvolvimento de um Plano de Ações para Períodos Chuvosos é parte da estratégia da Fundação Renova para passar pela estação chuvosa com o menor impacto possível para a sociedade, para o meio ambiente e para as atividades socioeconômicas nas localidades afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão.

Em condições naturais, o volume de chuva nesse período pode aumentar a vazão dos rios e provocar o transporte de materiais depositados nas margens e no leito, tornando a água do rio mais turva, e dificultar o consumo por criações, como bois e suínos. Com o rompimento da barragem de Fundão e o depósito de rejeito nas calhas dos rios ao longo da Bacia do Rio Doce, esses materiais podem retornar aos cursos d'água na ocorrência de chuvas e contribuir para este processo. Em Mariana, a Fundação Renova vai apoiar situações como essas.



Foto: Leo Drummond - NITRO

Equipe faz monitoramento da água no Rio Gualaxo.

Monitoramento hídrico

Uma frente de trabalho é quanto à qualidade da água e de sedimentos do Rio Doce, diariamente monitorada em 22 estações automáticas, que transmitem as informações on-line para o Poder Público.

Os equipamentos medem o nível d'água, a quantidade de chuva e a temperatura do ar. Oito dessas estações verificam dados de turbidez, acidez (PH), oxigênio dissolvido, condutividade, temperatura e a existência de microrganismos.

Outros 92 pontos de monitoramento, instalados ao longo do Rio Doce e no litoral, avaliam mensalmente a quantidade de íons, nutrientes, metais totais e dissolvidos na água e nos sedimentos. Os dados levantados indicam medidas preventivas e corretivas para resolver os problemas junto com os órgãos públicos e com a população, como melhorias em Estações de Tratamento de Água, mobilização de carros-pipa, resgate de peixes nos rios, dentre outras.

SIMULADO DE EMERGÊNCIA

Saber o que fazer, na hora certa, pode salvar vidas. Em novembro, a Defesa Civil vai realizar simulados de emergência nas comunidades de Mariana e de Barra Longa para o caso de rompimento de barragens.

Além disso, no período chuvoso, os rios ficam cheios, podendo provocar inundações. O sistema de alerta e alarme para rompimento de barragem também pode ser utilizado, a pedido da Defesa Civil, para avisar as comunidades ribeirinhas dos rios Gualaxo e Carmo sobre as ameaças.

O exercício vai mostrar como agir quando a sirene toca e como sair de casa em segurança, indo para os pontos de encontro. Antes do simulado, serão feitas reuniões com as famílias para estimular a participação e esclarecer dúvidas. Este ano, a expectativa é que cerca de 800 pessoas participem da iniciativa.

NA NOITE DOS MAGOS QUEM TEM OLHOS É *Rei*

Quando José Patrocínio de Oliveira fala da Noite de Reis, seus olhos brilham. Não é pra menos. Com 87 anos, “seu” Zezinho é mestre da Folia de Reis de Paracatu de Baixo desde 1970.

A Folia é uma festa cristã que veio de Portugal e existe em Minas desde o Brasil Colônia. Ela comemora a visita dos três reis magos – Baltasar, Gaspar e Melchior – ao Menino Jesus, no dia 6 de janeiro.

A relação de “seu” Zezinho com a festa é mais antiga do que parece. Aos 9 anos, ele viu a Folia pela primeira vez. Em 1961, ele fundou a Companhia de Folia de Reis de Paracatu e, alguns anos depois, recebeu um convite do “seu” Antônio João, mestre na época: “Já somos velhos, e tudo que sei, você sabe! Toma conta da Folia, ela não pode acabar”.

E ele tomou. Tanto que, em 2015, mesmo após o rompimento da barragem de Fundão, os foliões saíram. “Depois que a lama passou, procuramos os instrumentos e encontramos uma sanfona e três bandeiras. A do Menino Jesus não se sujou nem um pinguinho, sinal de

que a Folia não podia parar”, conta. O grupo recebeu os instrumentos que não foram encontrados.

Hoje, com 15 participantes, incluindo seus dois filhos sanfoneiros, Antônio Geraldo e Elias, a Folia se prepara para mais um ano. O giro da Folia começa no dia 26 de dezembro e termina no dia 6 de janeiro, Dia de Reis, quando as árvores de Natal e os presépios são desmontados.

Durante dez dias, os foliões de Paracatu saem com a Bandeira, o Mestre (puxador) e o Palhaço, percorrendo as ruas com bumbos e sanfonas, cantando músicas em homenagem aos viajantes e ao Menino Jesus.

O grupo percorre as comunidades de Monsenhor Horta, Boa Vista, Cana do Reino, Campinas, Ribeirão do Carmo, Pedras, Borba, Cuiabá e Furquim, dentre outras, batendo de casa em casa e nos comércios pedindo doações. “Para cada família que dá esmola, eu canto versos em agradecimento, desejando muita fartura”, diz “seu” Zezinho. Na última noite, o grupo toca diante do presépio antes de provar as comidas típicas da festa.

Seu Zezinho conduz a Folia de Reis de Paracatu de Baixo.



Foto: Leo Lopes

Este ano, a Folia de Reis de todos os municípios mineiros foi declarada como **Patrimônio Cultural Imaterial** de Minas Gerais e agora está junto com o jeito de fazer o queijo do Serro, com a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte e a comunidade dos “Arturos”, em Contagem.

**SEGUNDO A UNESCO,
PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL
É UMA EXPRESSÃO DE VIDA E TRADIÇÃO
QUE AS COMUNIDADES, GRUPOS
E INDIVÍDUOS RECEBEM DE SEUS
ANCESTRAIS E QUE PASSAM PARA
SEUS DESCENDENTES.**



Comunidade se prepara para o festejo.

VERSOS DE DESPEDIDA DA FOLIA DE REIS DE PARACATU DE BAIXO AO SAÍREM DAS CASAS

*Senhora Dona da casa/você despede da
Bandeira/você despede da Bandeira/esse
Santo vai e volta/por dentro desta casa
mora/a Senhora fica com Deus/e eu vou
com Nossa Senhora.*

Fotos: Leo Lopes



Jovens com a bandeira do Menino Jesus.

PASSEIOS NO *tempo*



Foto: Filipe Lage

Atingidos de Paracatu de Baixo e Bento Rodrigues visitam Lavras Novas.

Therezinha Maria dos Santos, de 64 anos, não esconde a saudade. A vida em Bento Rodrigues era simples, mas agitada. De manhãzinha, ela já estava cuidando da horta e dos animais. Depois, passava o dia na cozinha. Salgadeira de mão cheia, não tinha quem não elogiasse a coxinha de frango. E à noite, quando o silêncio tomava as ruas, era no Bar do Barbosa, irmão de Therezinha, que a alegria tinha vez.

Depois que a lama chegou, Therezinha foi para Mariana. Presença constante no forró, ela não mexe mais na terra, nem faz salgados. Os vizinhos são diferentes, os dias estão mais longos. Para encontrar os amigos, ela e outros atingidos estão participando de um grupo que se reúne mensalmente, para conversar e fazer atividades na região. O grupo tem hoje cerca de 40 participantes - o dobro de quando tudo começou.

Em abril passado, eles foram ao Museu de Arte Sacra e ao Museu da Música de Mariana. Therezinha sempre gostou de viajar, e o grupo tem feito bem a ela. “A gente sai, faz uma caminhada, encontra os amigos e coloca o papo em dia. O jeito é se distrair”, explica.

Canções das antigas

Em maio, o grupo se reuniu com a Fundação Renova para tirar dúvidas sobre o reassentamento, e em junho visitou a Reserva Técnica, onde se encontram as peças sacras resgatadas. Em julho, foi a vez de um encontro musical, quando os amigos passaram uma tarde tocando canções das antigas.

Para Glória Maria Gonçalves da Silva, de 66 anos, o passeio de trem de Mariana a Ouro Preto, em agosto, foi uma viagem no tempo. Ela lembra que, ainda menina, acordava com as galinhas e andava por quase duas horas de Paracatu de Baixo até a estação de Lavras Velhas, onde pegava o trem pra ir a Ponte Nova fazer compras com o pai. “A gente só voltava à noite e andava até a casa com as compras na cabeça ou no lombo do animal”, explica. A viagem foi tão marcante que, na semana seguinte, a vovó entrou na brincadeira com os cinco netos. “Fizemos uma fila com o menor na frente e eu no final, e fomos de um lado para o outro cantando o trenzinho da vovó faz tchu tchu tchu”, lembra Glória.

Em setembro, o grupo visitou outros pontos turísticos de Mariana e no mês seguinte foi a vez de conhecer Lavras Novas. Assim como muitos avós, Dona Glória passa a maior parte do tempo cuidando dos netos, por isso não pode ir a todos os encontros. Mas quer participar mais. Se, para muitos, o clima é de desesperança, ela não perde a fé. “O que mais quero é voltar pra roça, buscar lenha na cabeça, capinar, cuidar do quintal, do pomar e dos animais. Quero o que eu tinha antes”, diz.



Foto: Filipe Lage

Além do Trem da Vale, Glória e seus familiares estão conhecendo outros pontos turísticos da região.

HORA DE PLANTAR

Voltar a cultivar sempre foi um desejo marcante nos encontros com os mais velhos. Depois de visitar alguns terrenos, o grupo decidiu criar uma horta comunitária na Rua São Jorge, em Mariana. O local foi escolhido porque o acesso é fácil e a terra é boa. A horta foi inaugurada em outubro. Agora, os dez participantes e seus familiares estão plantando sementes e mudas para colher frutas, verduras e hortaliças. Com tanto carinho pela terra, eles agradecem.



Foto: Gustavo Baxter-NITRO

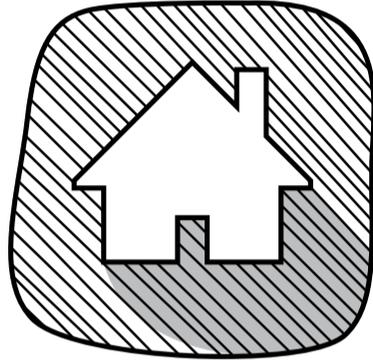
Idosos demonstraram desejo de voltar a plantar e a cultivar.

ESCOLHA A MELHOR FORMA DE CONVERSAR

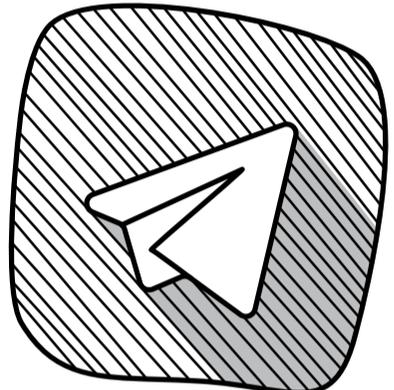
com a gente



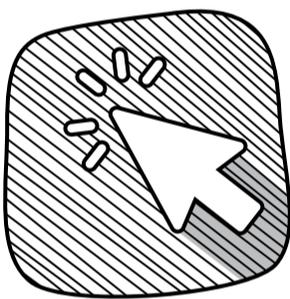
0800 031 2303
(031) 3557-3626



Avenida Bom Jesus, 195
Centro | Mariana



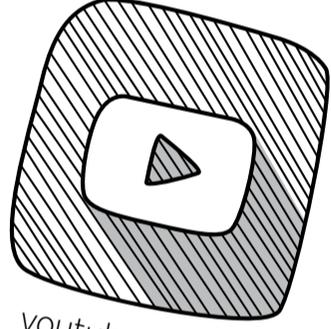
ouvidoria@fundacaorenova.org
faleconosco@fundacaorenova.org



fundacaorenova.org/
fale-conosco



facebook.com/
fundacaorenova



youtube.com/
fundacaorenova



instagram.com/fundacaorenova



linkedin.com/company/
fundação-renova



plus.google.
com/+FundacaorenovaOrg

EXPEDIENTE

Jornalista responsável:
Júnia Carvalho - Reg. 4247 - MG
Reportagem
Júnia Carvalho & Leandro Bortot
Projeto Gráfico:
Rede Comunicação de Resultados
Direção de arte:
Zéu Coscarelli

Colaboração: Queremos que você participe e nos ajude a construir este jornal. Por isso, seu nome pode estar aqui nas próximas edições.

Revisão:
Tucha
Tiragem:
1.500 exemplares

As opiniões expressas no jornal da Fundação Renova, por parte de entrevistados e articulistas, não expressam necessariamente a visão da Renova em relação aos temas abordados, sendo, portanto, de responsabilidade de seus autores.